

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

José Henrique Heydman Jr.

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

A entrevistadora e o entrevistado trabalham há anos na mesma unidade escolar. Para falar sobre os acontecimentos da década de 1990, ele foi convidado a dar seu depoimento porque viveu o período, o qual poderia ser rememorado com facilidade e com bastante precisão. Com o dia e o horário agendado, foi realizada a entrevista pela plataforma digital *Teams*.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: plataforma digital *Teams*

Data: 08 de novembro de 2021

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 54 minutos e 54 segundos

Número de vídeos: 01

Transcritor: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 20

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada para a coleta de dados para o projeto sobre os fatos, a versão dos fatos de depoentes que vivenciaram a década de 1990, especialmente José Henrique Heydman Jr. e Arnold Baccan Filho. Essa década marcou a passagem das escolas técnicas e agrícolas da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência,

Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, e, depois, para o Centro Paula Souza. José Henrique foi aluno da escola Trajano Camargo, professor, coordenador de curso, vice-diretor, diretor e assistente técnico administrativo, portanto, com muitas histórias para contar.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de janeiro de 2022

Nome da transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Recebido para edição e difusão: 06 de junho de 2024

Marlene Aparecida Guiseline Benedetti (MAGB): Hoje é dia 18 de novembro de 2021. O entrevistado de hoje é o prof. José Henrique Heydman Júnior que tem um estreito laço com a escola Trajano Camargo de mais de 40 anos. Ele foi aluno no curso ginásial, entre os anos de 1966 -1969, fez o curso técnico no COTIL que, entre 1967-72 funcionou no próprio Trajano Camargo. Em 73, eles foram para o prédio próprio e depois disso vai fazer estágio e cursinho no CLQ e começar Engenharia de Produção Mecânica na UNIMEP. O curso foi feito entre 1976 e 1981. Mal entrou na faculdade, ele já foi convidado a dar aulas no Trajano Camargo. E, desde então, desde 76, ele permanece lá. Ele foi professor, foi coordenador de curso, diretor e atualmente, é assistente técnico administrativo. E qual é o propósito dessa entrevista? Ele já foi entrevistado uma outra vez quando estava encerrando o tempo dele de diretor. Qual é o propósito disso? Porque eu tenho vontade de estudar aquele período, um período talvez meio nebuloso ainda, mas é comentado, da passagem da escola Trajano Camargo da Secretaria de Educação para a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico que, hoje em dia, é acrescida de Inovação. E depois disso passou para o Centro Paula Souza. Nesse meio tempo, eu gostaria de resgatar uma pessoa que quem a conheceu ela era de muita vitalidade, muito ânimo, ela deu uma “erguida” na escola, que é a Márcia Della Coletta Sillman. Então a gente aproveitaria esse momento para fazer esse resgate e acho que seria interessante estudar esse tempo. Ok? Então, José Henrique, boa tarde! Podemos começar a falar e eu gostaria que você se lembrasse de um tempo assim – você tem uma memória muito boa, você guarda uma série de coisas. Eu tenho, nesse período, eu tenho os cursos da escola, quais eram os cursos que tinha, mas agora vamos usar as suas lembranças, às suas memórias porque isso é o que a gente faz com história oral, que ela serve para uma série de propósitos e um dos propósitos é

exatamente ter a vivência, a experiência, o sentimento, o vivido no passado. Acho que vou deixar você à vontade porque falo demais também e isso atrapalha. Eu gostaria que você tentasse lembrar assim do prédio – se estava bem, se não estava, se tinha salas ambiente, oficinas, se precisava de pintura. Depois você fala de professor, você fala de aluno, relações da escola com a comunidade, e posso ir lembrando você, e se você, nesse tempo, tem algum destaque. Então, agora a palavra é sua e pode começar de onde quiser.

José Henrique Heydam Jr. (JHH): Boa tarde, Marlene! Fico muito feliz por ajudar você nesse projeto de história que você faz e não é de hoje, há muito tempo você faz essa coleta de dados e, infelizmente, a parte documental ela fica um pouco a desejar. Então a gente que aproveitar nós velinhos aqui da escola para darem testemunho enquanto a gente lembra de alguma coisa. O período a que você se refere no início da entrevista é o período em que o Trajano saiu da Secretaria da Educação por um decreto, e antes de entrar no Centro Paula Souza, que é onde estamos atualmente. Ele passou por um período, uma autarquia, não sei se é bem uma autarquia, mas creio que era um departamento chamado DISAETE [Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais, da Secretaria da Educação]. Nesse período, todos os diretores que estavam no cargo, na época, o prof. Arnaldo, para que continuassem nesse cargo, mas, a grande maioria das cento e poucas escolas que foram transferidas da Educação, os diretores na verdade não aceitaram o convite e continuaram na SEDUC, indo para escolas menores ou escolas propedêuticas. Com esse embaraço, como medida paliativa e emergencial, foi dada a chance de que qualquer professor que tivesse – naquela época, era obrigatório para ser diretor ter Pedagogia –, mas, foi tirada essa obrigatoriedade, e enfim foram convidados alguns professores para ficar no lugar (do diretor), nesse período aí. O Arnaldo, primeiramente ia me convidar, mas como eu trabalhava, eu tinha empresa, na época, ele resolveu convidar então a profa. Márcia para ser diretora e pediu para eu fosse assistente, vice-diretor, na verdade, na época, tinha esse cargo. Eu aceitei esse cargo sendo vice-diretor da Márcia. E, realmente, nós pegamos uma escola que vinha de uma forma, vamos dizer, bastante sofrida, por sermos uma escola técnica, e todo mundo sabe disso, quem milita na área técnica, na área profissional sabe que nos anos 70-80 e começo de 90, a SEDUC praticamente abandonou as escolas técnicas, os antigos ginásios industriais à própria sorte, sem dar qualquer tipo de recurso, a não ser aquele recurso que era dado para as escolas propedêuticas que, na verdade, era ínfimo, não dava para você sustentar os diversos laboratórios que uma escola técnica tem. Foi um período muito triste, muito difícil de fazer, sendo que os

professores da área técnica traziam da empresa onde trabalhavam equipamentos e insumos básicos para que a escola funcionasse. Então, com tudo isso, a gente foi – quando passou para o Centro Paula Souza, aliás, desculpe, quando passou para essa DISAETE, nós ficamos assim meio que libertos de uma série de amarras que a SEDUC tinha. Então, a escola começou a ter, o diretor, eu lembro muito bem, tinha “n” número de atividades para convidar professores para que eles pudessem desenvolver projeto dentro da escola. O mais importante disso, eu acho, que não eram só professores da escola Trajano, como professores de fora. É o caso, nós contratamos o Joacir, que hoje é nosso professor, efetivado, concursado, para fazer um projeto de jogos. Ele treinava as equipes de voleibol, de basquetebol, e nesse período aí nós tivemos grandes conquistas com ele. Também foi feito um projeto na área de educação artística e projetos na área social com professores pagos com HAE [hora atividade específica] para fazer isso aí. Além desse diferencial que nos foi proporcionado, a liberdade foi muito grande para que o diretor acertasse a escola. A Márcia, aliás, estudou junto comigo no período do ginásio, fizemos junto o ginásial, ela tinha um amor muito grande pelo Trajano Camargo, como eu tenho, e como todas as pessoas que foram oriundas do ginásio, que estudaram aqui no Trajano. Ela resolveu numa reunião, lembro, logo no início da gestão, de fazer com que a escola voltasse realmente a brilhar e a ser confiável dentro da cidade e da região, estávamos sendo postergados pelo COTIL [Colégio Técnico de Limeira] e por outras escolas técnicas, pelo jeito que o Trajano era visto, infelizmente, não era muito bem-visto. Com isso, foram desenvolvidas algumas ações. Uma delas era essa de horas atividades com projetos especiais na área de teatro, na área de esportes e mesmo pedagógica foi feita alguma coisa. E a Márcia era muito guerreira, muito ativa, estava o tempo inteiro aqui na escola. E, naquela época, a escola Ely de Almeida Campos ela tinha sido derrubada pelo governo municipal, e ela ocupava uma parte do Trajano, principalmente no período diurno por conta do espaço ocioso que tinha. O Trajano funcionava mais à noite mesmo, eram poucas salas. E então, o que aconteceu? A Márcia resolveu, em uma reunião com a gente, fazer com que o Trajano mudasse para tempo integral, tá. Isso foi, realmente, num primeiro momento, foi bastante assustador para todos nós, porque tinha que passar por um processo bastante difícil. Eu lembro que nós fomos eu, ela, o prof. Hélder de Geografia, que não está mais aqui, mas também trabalhava conosco como assistente de direção, ele e a profa. Elisa Stahlberg também, que faziam esse trabalho. Nós fomos para S. Paulo reivindicar esse tipo de coisa. Feito isso, lá em S. Paulo, foi feita essa reivindicação e conseguimos, na verdade, resolver esse problema porque o nosso diretor, na época, o diretor do departamento, não sei se era o sr. Armando ou o senhor, acho que era o sr. Armando

ainda que era o diretor do departamento, nos deu carta branca para que fizéssemos essa mudança e nessa mudança nós teríamos que enfrentar uma situação bastante difícil que era retirar uma escola que estava dentro da nossa escola. Para isso, nós conseguimos fazer isso aí, através de reuniões, de reforma bastante incisiva com a prefeitura e com o Ely, para que a gente pudesse fazer, na verdade, essa mudança.

MAGB: Ô Zé, olha a minha mãozinha aqui. A questão é a seguinte: do que eu estou entendendo, se você vai transformar - nós estamos falando de ginásio em dois turnos, uma, que precisava desalojar o Ely que estava aí, e a outra, vai ter essa questão que a gente enfrenta até hoje que é a questão da alimentação.

JHH: Sim, é onde vou chegar agora. Na verdade, o que acontece? Por conta disso, foram feitas reuniões, seu Antonio - agora que lembro agora, que era ex-funcionário do SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial] e passou a ser, no lugar do Dr. Armando, chefe lá da DISAETE -, ele veio para Limeira para tirar a grande polêmica porque, na época, o prof. Cyríaco que era Delegado de Ensino não aceitava que tirasse o Ely daqui. Na reunião com o Jurandir Paixão, que era o prefeito, foi feita essa reunião e graças à habilidade desse sr. Antonio que era o diretor da DISAETE, e nossa, foi feita lá no edifício Ouro Verde, no último andar, conseguimos. Ele falou "- Não, o prédio é do Trajano Camargo e quem vai ficar no Trajano Camargo é o Trajano Camargo. O Ely nós vamos achar uma solução para ele". E realmente, aconteceu isso Foi uma polêmica muito grande, deu jornal, deu bagunça, deu pai de aluno do Ely batendo aqui na escola querendo fazer passeata, foi um monte de coisa. Mas, conseguimos, primeiro, autorização de tirar o Ely. Foi uma batalha vencida. Logo em seguida, nós tínhamos que fazer outra, que era preparar o itinerário formativo dessa turma, desse sistema integral. Foi feito um estudo, nós sentamos e estudamos isso aí, fizemos um itinerário para integral e, naquela época, você vê como as coisas eram diferenciadas, nós preparamos o vestibulinho, foram feitas aqui as perguntas foram feitas aqui, foram corrigidas aqui e, depois feito esse vestibulinho, foi feito a prova. Bom daí tinha outro problema que era o início do ano, quando disse outro ano, precisávamos de duas coisas: primeiro, precisávamos de alimentação. Então, fomos atrás da nossa querida ex-diretora Profa. Neusa Bertim de Campos que já foi professora há muito tempo nessa área de nutrição, economia doméstica e foi feita uma proposta para que viesse chefiar esse refeitório. Ela aceitou prontamente, como sempre com aquela vontade própria dela sempre de ajudar e começou. Daí, viemos aqui e fizemos um primeiro esboço e começou a funcionar, na verdade, começamos a montar ali, onde é hoje o atual laboratório de TDPL do curso de

Nutrição e Dietética. Com ela também veio a Lena que hoje é nossa funcionária de limpeza. Mas, na época, era funcionária da Márcia, ela era empregada doméstica, colaboradora doméstica da Márcia, saiu de lá e veio também para trabalhar aqui como ajudante nesse refeitório. Montamos o refeitório e compramos aquele bufê *self-service*, prato e foi tudo montado. Isso estava em janeiro. Para começar daí, no início das aulas, nós tivemos o maior embate que foi quando nos primeiros dias de aula quando prof. Cyríaco convocou todos os pais de alunos do Ely para virem aqui no Trajano. Então, no primeiro dia de aula, ficou no nosso auditório, o auditório Creso de Assumpção Coimbra, ficou aquele - parecia disputa de cidade contra cidade -, o pessoal do Ely, os pais dos alunos do Ely reclamando, xingando, com cartazes que iam colocar os filhos deles na rua e o pessoal do Trajano reivindicando o que ia acontecer. Daí no final, a gente conseguiu...

MAGB: Deveria ter sido uma cena, né. Ninguém tirou fotografia? Um marco.

JHH: Daí lembro a presença da nobre e falecida ex-vereadora Elza Thank também mediando todo esse embate e, no final das contas, foi tudo solucionado. O que tenho a dizer disso tudo é a garra da Márcia, a gente estava junto, ajudando mas, na verdade, foi ela que subiu ao palco, falou, defendeu e tudo e fez com que tudo acontecesse. Enfim, o Ely foi trocado.

MAGB: Ô Zé, deixa só ver uma situação – a Márcia, que eu não marquei o mês, é 1992-1993. Então, quando você está falando é começo de 92?

JHH: Isso, no início. Com isso, daí estava com o caminho livre para a coisa andar. Daí a escola começou a andar, o Ely foi para os contêineres, é famosa essa história, e nós ficamos com a escola para nós. A escola foi preenchida tudo, os cursos começaram, enfim, nós iniciamos a APM [Associação de Pais e Mestres] adquiriu um laboratório de informática que era novidade, à época, com 10 computadores que foram comprados pela APM e foram colocados na parte de cima do lado de sua sala, da sala que você faz o seu memorial histórico. Isso faz com que a gente tenha tido, na verdade, o pioneirismo em termos de CPDs [Centros de Processamento de Dados]. Era o curso de Secretariado que tinha datilografia, eram usadas máquinas de escrever e nós inovamos com esse CPD que acabou sendo muito bacana, foi muito festejado, na época, da inauguração, tudo. E daí iniciou.

MAGB: Quem tinha o dinheiro? Quem pagou os computadores?

JHH: Foi a APM.

MAGB: Nossa! Naquele tempo eles pagavam a APM, os alunos pagavam a APM.

JHH: Tinha um saldo na APM e os alunos viram que, realmente, a escola estava muito bem dirigida. O que houve, na verdade, foi uma empatia entre o corpo diretivo da escola e os alunos, o que não havia antes por que eles se sentiam muito distantes. Depois, que começou essa nova gestão, com a Márcia. Ela se aproximou muito deles. A Márcia se reunia muito com eles no auditório, conversava com eles, mostrava do que a gente queria fazer com eles, a melhoria que ia ser feita na escola. Então, criou-se um ambiente propício para melhorias. Então, realmente, se criou, foram feitas muitas coisas, em pouco tempo, a escola cresceu. O restaurante, o refeitório, funcionava muito bem, eu mesmo, várias vezes [celular tocando – desculpa aí], várias vezes, nós almoçamos aí, fizemos refeições aí, era muito bem servido, a D. Neusa era muito caprichosa e as coisas funcionavam muito bem. Então, foram feitas várias coisas. O ano de 92 foi muito bom, ganhamos muitos prêmios nos jogos regionais com o prof. Joacir que, eu acho que, no momento, você pode também fazer uma entrevista com ele, porque ele participou bastante, principalmente desse projeto que foi um projeto esportivo muito vencedor. E a escola andou muito bem tendo refeição servida, os alunos tendo motivação e os professores, principalmente, procurando cada vez mais se doar para a escola.

MAGB: Ô Zé, eu digo assim: a História não se repete, mas a História dá exemplos, dá umas receitas, né. Quando você fala que a Márcia tinha “chegança” com os alunos, com os pais, vai daí é que vai ter dinheiro para a APM. Quando você está funcionando tudo junto - agora acho que nossa escola está passando um tempo bom, parecido com esse aí, entendeu? Quando os professores querem acertar, eles acham a proposta interessante. E agora, você está dando uma dica, essa do Joacir eu não sabia. Não está comigo no centro de memória, que é muito pequenininho e não abrange tudo isso. Eu vou ver onde estão e quais são, nesse tempo, quais foram os troféus esportivos, entendeu? Eu vou fazer um levantamento de 92-93 e vou ver o que tenho.

JHH: Inclusive fotos nós temos bastante.

MAGB: É.

JHH: Aquelas que eu passei para você.

MAGB: Ah, é. Aquelas ali eu tenho.

JHH: Tem a foto do Joacir com a equipe de basquete, com a equipe de vôlei.

MAGB: Então, veja bem, pegando o gancho aí, você pode falar inclusive assim: - qual era a preparação dos professores e o que nós estamos falando é ginásio e você lembra, à noite, que cursos que tinha? Porque eram os cursos técnicos à noite, não é isso? Se você não lembrar eu vou saber dizer para você quais eram.

JHH: Eu não lembro muito bem os cursos da época, não lembro Marlene, eu não lembro direito. Mecânica...

MAGB: E daí, vamos dizer assim, e a qualificação dos professores que, agora, está ficando todo mundo velho, que o Trajano Camargo, por seus professores, está envelhecendo.

JHH: E muito.

MAGB: Bastante, bastante. E, nesse tempo, como é que eram os professores? Era tudo jovenzinho de 30 anos, 30, 40 anos?

JHH: Isso.

MAGB: E a profissão deles?

JHH: Bastante jovens porque, nessa época, no final dos anos 80 para 90, muitos dos professores, mestres, que foram professores meus, todos, como seu Lourenço Schmidt, pai do Carlos Schmidt que é nosso atual professor, seu Odecio Lucke, o prof. Mikami, enfim esse pessoal que era da escola, principalmente, da década de 60-70-80 foi se aposentando, foi saindo da escola. Então, era mais a época da geração minha – eu sou o mais velho dessa geração, o Baccan, o Paulo Silveira, o Flávio Marcolino, enfim, esse pessoal que, à época, dominava e ficou no lugar desse pessoal. Tinha na área do núcleo

acadêmico, tínhamos de matemática, o prof. Janieri, Miguel Janieri, que eu lembro bastante dele, excelente professor, de Geografia – me parece que era, nossa, não vou me lembrar. Enfim, vários professores que nós tínhamos aí na área técnica, eu me lembro mais os da área técnica. Do núcleo comum eu não lembro muito porque a gente tinha mais contato com o pessoal da área técnica, mas renovou bastante os professores dessa época e eram pessoas que, na verdade, tinham vontade de fazer a coisa acontecer.

MAGB: Ô Zé, olha as salas ambientes eu acho que não tinha mais condição de ter.

JHH: Não tinha. Isso acabou, Marlene. As salas ambientes acabaram em 1968 ou 7, na verdade é 8, acho, quando o COTIL e a UNICAMP [Universidade Estadual de Campinas] vieram para Limeira, não lembro se foi 67, 68.

MAGB: Por que faço essa relação? Exatamente a ocupação do prédio. Quando há um tempo que pode ter isso e outro tempo é a ocupação dele por outros motivos. Então, já associamos com o Ely, com o Ely não, com o COTIL. Então, já não tinha mais sala ambiente. É que sempre tive vontade de ter uma sala ambiente, acho a coisa mais maravilhosa da vida.

JHH: E eu que tive, acho que nos dois primeiros anos, ou três anos de ginásio, eu tive essa honra de ter sala ambiente, de estudar numa sala ambiente. Então, aqui ao lado da diretoria, no final do corredor, era a sala de ciências.

MAGB: do seu Levy.

JHH: Do seu Levy que era cheia de equipamento no fundo, de coisas embalsamadas, era até meio um castelo mal-assombrado, né, e a gente ficava até com um pouco de medo, as meninas tinham medo de entrar na sala, mas era uma sala ambiente de ciências. Na parte de cima, tinha uma sala de matemática com todos os sólidos, área de física, aquelas maquininhas de movimento retilíneo uniforme. Tudo muito bem-feito. Do outro lado da parte de cima, nós tínhamos sala de desenho, de desenho geométrico, cuja professora era a profa. Georgina Biáfara, que era professora de desenho. Ela tinha uma gráfica aqui em Limeira. Eu me lembro muito bem dela que era uma excelente professora e aquelas carteiras, que até hoje temos essas carteiras, de desenho antigas de madeira, era com ela. Então, a gente fazia, tinha todos os desenhos expostos em

painéis. A gente fazia tudo isso aí. Descendo a escada, ao lado do xerox de hoje, a parte de cópias, nós tínhamos a sala ambiente de geografia. O prof. Manoel da Silva, era dele a sala. Tinha uma mapoteca imensa lá dentro, uma sala onde ele usava aquele canhão para reproduzir livro, que punha em baixo o livro, tipo retroprojeter do passado, ele usava muito. Eu lembro que os mapas vinham com tudo furadinho para facilitar. O mapa do Brasil ele passava o giz no mapa, tirava o mapa e o mapa estava desenhado na lousa. Então, era uma coisa assim de vanguarda que tinha. Outro laboratório que a gente tinha, embaixo, no sub-solo, onde é o laboratório de química hoje, era o laboratório de ciências e a gente tinha essa aula de ciências com outros professores. Foi inaugurado nessa época esse laboratório muito moderno, com bancadas de azulejo, hoje estão ali, com aqueles armários. A sala de história, na parte de cima, a dona Rosinha que dava essa aula, tinha uma estante com os livros de história. Enfim, tinha tudo. Quando a UNICAMP veio para cá, o que foi muito bacana para a cidade é bom, sempre é bom, mas o Trajano em si teve perdas, perdeu muito porque dividiu as salas no meio, ficaram salas extremamente apertadas. Ficou o curso do COTIL juntamente com o curso de Engenharia Civil que veio junto. Mais de dois mil alunos por dia circulavam dentro da escola. Imagine essa loucura com aulas de educação física. Nós fomos jogados - a educação física era dada pelo prof. Júlio e pelo prof. Aldo Zotarelli que era um sargento reformado de Rio Claro. Foi meu professor – eu me lembro muito bem dele porque era excelente professor, bravo, militar, né, judiava bastante da gente. Fomos ter aula lá na Prada, na Cia. Prada, onde descia a rua onde é a prefeitura hoje, descia, tinha lá um teatro, tinha uma quadra e nós fomos para lá e no campo lá embaixo no campo do Prada, atual Estádio Comendador Agostinho Prada. Era lá que nós íamos fazer nossa educação física. Por quê? Porque não tinha mais lugar aqui no Trajano. Então, era uma coisa.

MAGB: Zé, eu não acho que era só o lugar, a questão de barulho, também, não.

JHH: Era terrível! Não era bom. Pro Trajano nunca foi bom. Por quê? O COTIL e a UNICAMP tomaram conta, praticamente, da escola. E o que aconteceu? Eles utilizavam as oficinas e laboratórios sem qualquer contrapartida. Nunca houve contrapartida por parte da UNICAMP para o Trajano. Quem fez essa passagem, na verdade, foi seu Manoel que trouxe, através do reitor, o então reitor, na época, Zeferino Vaz, que trouxe a UNICAMP, tem até fotos. Você deve ter essa foto da aula inaugural do COTIL, juntamente com o Celestino Mikami. Foi ótimo para a cidade, tudo foi muito bom, mas o Trajano sofreu porque utilizaram sempre as nossas oficinas, sempre os nossos

laboratórios e nunca houve contrapartida, nunca houve manutenção desses equipamentos. Tanto é que ficaram esses equipamentos de forma bastante danificada muitos anos aqui e, com isso, ainda falando da Márcia, quando ela assumiu, uma das primeiras coisas que ela me colocou para fazer, porque, na verdade, o marido dela era coordenador do curso de Mecânica do COTIL, para que eu estivesse em contato com o COTIL para que o COTIL desse uma contrapartida para as nossas oficinas ou alguma coisa. Nós decidimos, na época, aqui nós compramos, muito legal, adquirimos uma copiadora da Xerox para pôr na secretaria nossa, que não tinha – era uma novidade também essa copiadora que veio para cá -, e nós montamos. Isso tinha um *leasing*, foi feito um *leasing* para isso, eu me lembro porque fui fiador do *leasing*. Pagava-se caro por mês. Então, a minha reunião com o diretor do COTIL na época que era o [pausa] eu não lembro o nome dele, ele substituiu o prof. Alúcio que foi diretor, (esse daí eu não lembro o nome dele, lembro do apelido, mas não vou falar, mas eu me lembro dele), Então, fomos lá conversar com ele. Falei para ele: acontece isso, isso, o COTIL ocupa, nunca houve uma contrapartida para nada, vocês usam as nossas oficinas. Isso em 92, não usava mais o prédio, mas usava as oficinas ainda. Nós queremos que vocês, pelo menos, paguem o *leasing* da nossa máquina de xerox. Vocês têm dez máquinas de xerox aí e nós não temos nenhuma. Na época, esse senhor aí me disse que não podia porque o COTIL não tinha verba para isso, não tinha nada. Então a Márcia, nós conversamos e resolvemos por conta e risco nosso, suspender o convênio com o COTIL. Então, tiramos o COTIL do Trajano.

MAGB: Ô Zé. Nossa! Você está falando umas coisas tão interessante, mas até batendo aqui na minha cabeça. Como assim? Saiu daí em 73 foi para o prédio do Jardim Piratininga, Nova Itália, qualquer que seja o nome, e você está falando do tempo da Márcia e eles estavam ainda transitando no Trajano?

JHH: Nas oficinas.

MAGB: Nas oficinas, eu não sabia disso não.

JHH: Não, isso porque, por conta eu vou omitir, um dia posso falar em *off* para você, vou omitir o porquê disso tudo isso aí. E toda reunião era falado para o Arnaldo que acontecia isso, que o pessoal do COTIL usava a oficina, tinha problemas seríssimos na oficina de manutenção e não tinha nenhuma contrapartida. E isso foi sendo empurrado com a barriga até que com a Márcia, eu sei por que fui fazer essa reunião, demos um

xeque-mate no COTIL – ou vocês fazem ou saem de lá. Daí optaram por sair. Daí ficaram só com as oficinas no SENAI. E, gozado que no SENAI, eles pagavam uma nota preta por mês. O Senai era um convênio extremamente pago, muito bem pago para usar as oficinas.

MAGB: O Senai é particular, né.

JHH: E nós, era à vontade, sem manutenção. Então, o que acontece com tudo isso? Daí o Maurílio, chamava - desculpe, agora lembrei o nome, então o diretor Maurílio me informou, informou a Márcia, através de ofício, que o COTIL não ia mais utilizar as oficinas do Trajano Camargo. Tiramos o COTIL também da oficina. Foi um disquete, um bate-boca com alguns professores mais antigos que eram da área de mecânica e estavam todos lotados no COTIL, à época, mas foi tirado e resolvido esse problema também, tá. Então, isto aí é uma coisa bastante bacana, uma coisa até triste porque tive um bate-boca, vamos dizer meio ríspido com alguns professores, principalmente, com o prof. Ari Rigatto, falecido prof. Rigatto. Na época, ficamos meio estremecidos em termos de amizade. Mas passou o tempo aí e, graças a Deus, isso é uma coisa particular minha, consegui conversar antes dele falecer – ele faleceu, há alguns anos atrás, teve um câncer fulminante. Eu consegui conversar com ele, antes dele falecer, abraçá-lo e pedir desculpas pela época, pela contingência que não era coisa particular contra ele, mas sim pelo ímpeto, tanto meu como da Márcia, de querer melhorias para a escola.

MAGB: Ô Zé, o que você poderia dizer desse período das relações da escola com a comunidade? Ainda, nesse tempo, você não tem mais desfile, procissão, não tem mais nada disso. Como o Trajano era visto? Já não tinha a D. Dyrcea com as apresentações dela. Vamos fazer assim uma panorâmica desses anos 90, como era o Trajano, já tinha passado também, ai meu Deus, o Farid já não é mais desse tempo. O Farid é dos anos 70. Eu não sei assim nos anos 90 como estaria o Trajano em relação à comunidade, como ele era enxergado. Tem algum destaque para dizer? Eu estou achando ótima a entrevista. Aliás, eu deveria ter feito ela, falado com você, não sabia que ia falar tudo isso do ginásio quando fiz um trabalho sobre o curso ginásial na escola. Mas a gente, a pesquisa nunca acaba e cada hora você vai somando, acrescentando. E depois vamos caminhando para o fim, a menos que você queira dizer alguma coisa.

JHH: Eu vou falar então dos anos 90.

MAGB: Espera aí - a Adriana está aí. Fala para ela tirar uma fotinho sua, sem o negócio do ouvido, assim do botão da camisa ou do pescoço para baixo (cima) como se fosse 3x4. Mandar para mim que já vou guardar hoje mesmo.

JHH: Tá, eu peço para ela.

MAGB: Tá bom. Então agora termina.

JHH: Então, nos anos 90, falei para você anteriormente, a escola saiu do obscurantismo da época de 90, da Secretaria da Educação para passar para a época da Márcia que foi o iluminismo. Na verdade, o que aconteceu? A escola começou a aparecer. Então, houve essa reação da escola, os professores, de forma bastante interessante, a melhorar a escola, os alunos começaram a gostar da escola, e houve um chamado na escola em termos de *marketing*, a gente começou a falar nas empresas, a falar nas indústrias, assim no comecinho. Logo depois, nós tivemos, mas não deu muito tempo. Infelizmente, a Márcia veio a falecer, em 93. Com isso interrompeu, basicamente a gente ficou meio perdido. Tivemos aquele interstício, quando a Márcia faleceu, infelizmente, ela não viu o decreto da passagem para o Centro Paula Souza. Quando nós passamos para o Centro Paula Souza, daí eu acho que posso falar mais isso aí, faz parte dos anos 90, daí a diretora Clara assumiu rapidamente, saiu, e a profa. D. Neusa assumiu. Nesse período aí, houve um momento de reconquista das coisas, então nós procuramos ter um contato maior na indústria. D. Neusa nos deu bastante liberdade, começamos a entrar nas empresas, fizemos em 95-96, convênio com a antiga Arvin Meritor-Fumagalli para que fôssemos ter cursos de mecânica dentro da empresa. Formamos várias turmas dentro da empresa Fumagalli, mais de três anos formando várias turmas do turno noturno em Mecânica. Enfim, começamos a resgatar a história do Trajano, nessa década de 90, como curso forte. Então, começou a aparecer mais estágios para os alunos, houve a mudança das grades, houve a mudança para...

MAGB: Ô Zé, um minutinho – acerta a sua tela, abaixa aí, está muito aparecendo o teto menos você. Isso, aí tá bom, pronto. Continua.

JHH: Isso, com certeza, foi melhorando nos anos 90, daí os curso veio 97, os cursos a serem oferecidos de forma modular, começou a mudar o sistema, começou a procura muito grande de estagiário dentro da escola. Enfim, nos 90, a gente teve uma reestruturação da escola, através da fomentação de uma estrutura dentro da escola,

que foi feita pela D. Neusa. A Márcia teve um período muito curto, bastante profícuo de coisas, mas a D. Neusa é que realmente fez o alicerce da escola. Ela que pegou...

MAGB: Então...

JHH: Há.

MAGB: A Márcia 92-93, daí...

JHH: É muito pouco.

MAGB: Você ficou um tiquinho. Ela não deu dois anos (92-93).

JHH: Ela não pegou essa parte. Ela plantou...

MAGB: Mas daí só pela data dos diretores – não achei nada da Clara, nenhuma fotografia -, mas só pela data dos diretores, você vê que é um período de turbulência. Márcia morreu em 93, você assumiu em 93, Clara 94, José Vitório 94 e daí vem D. Neusa 94 a 2004. Entendi. Então, escute já que está falando isso [acerta a tela que está cortando um pedaço da sua cabeça lá em cima, nós já estamos acabando]. Ô, vamos lá! Você que guarda bem, e fala assim como era o prédio, estava inteiro, estava precisando de pintura, quais laboratórios a gente tinha. Isso você é capaz de dizer.

JHH: Sei. Bom, é o seguinte: continuava ainda, passamos para o Centro Paula Souza. O Centro Paula Souza melhorou, em termos financeiros, para os professores, mas, em termos de verba mensal, de adiantamento, pouquíssimo. Então, vinha pouca coisa. Mas a escola ia fazendo as coisas aos poucos, pintando uma coisa aqui, uma coisa lá, os laboratórios, os professores mesmos iam tomando conta, ajudando, a APM ia fazendo o que podia, alguns computadores foram comprados, os CPDs foram melhorados. Isso foi feito na década de 90. Foi tudo muito bem arrumado e, nessa época, da D. Neusa, foi indo, foi indo, até que, em 2002 – vou até passar um pouquinho da década de 90 -, até que, em 2001-2002 foi aberta uma licitação para reforma de prédio. O Trajano Camargo e mais duas escolas estavam no páreo, pelo tamanho, pelo número de alunos, uma série de coisas. E eu lembro muito bem desse diretor da unidade de infraestrutura chamado [esqueceu o nome] na época que veio visitar-nos. Visitando a escola, ele, eu e a D. Neusa, nós o levamos a todos os departamentos da escola, a todos os

laboratórios, porque muitos laboratórios foram feitos pelos próprios professores que traziam as coisas aqui, mas era tudo muito bem arrumadinho, muito limpinho, muito ajeitado. E ele fez o seguinte comentário, ao final da visita, ele falou: “Olha, eu já fui a duas escolas e aqui é a última escola que estou vendo, mas, pelo zêlo que estou vendo nessa escola, pelo cuidado, pela limpeza que estou vendo nessa escola, eu vou escolher essa escola como a escola que vai ganhar a reforma. A D. Neusa ficou muito emocionada, ficamos muito contente. Ele falou: vai depender do meu relatório, se depender do meu relatório vocês serão contemplados com essa reforma. E o que aconteceu? Ele viu que tinha portinha pintada, laboratório arrumadinho, sabe, era casinha pobre, mas limpinha dentro do que podia ser feito. Então, a partir disso aí, é que ele voltou para S. Paulo e daí foi anunciada uma reforma de mais de um milhão de reais, à época, para arrumar a escola. Tanto é que você vê a nossa escola não tinha uma reforma boa há muitos anos. Os fios, a parte elétrica era de 1953, era fio ainda de pano, era uma coisa tudo interna, perigosíssimo, era terrível. Aí nós ganhamos essa reforma, pena que não pôde ser feita muita coisa. Na verdade, era prá ser feito muito mais coisas, não foi feito porque nós tínhamos problemas de estrutura, a escola estava afundando em algumas partes. Então, foram construídos noventa e nove tubulões chamados para pôr no alicerce da escola, em torno da escola, para que a escola não caísse foi feito tudo isso aí. Então, desse um milhão, mais da metade da verba foi feita no subterrâneo. Ninguém viu [risos] e o restante foi feito.

MAGB: Eu não sabia de jeito nenhum, no subterrâneo. Eu sei que era difícil trabalhar aí, era barulho de martelo, era sujeira...

JHH: Você lembra disso aí.

MAGB: Eu estava aí. Então Zé, quais eram os laboratórios que você lembra que tinha aí nesse tempo?

JHH: Tinha laboratório de Eletrônica, tinha laboratório de Mecânica, laboratório de Química. É isso, que tinha aí. De 90, você está falando? Os laboratórios de Metalurgia.

MAGB: É difícil estabelecer só 90. Tudo é mais ou menos um contínuo, né. É só para você dizer que tipos de laboratório. Se eu quisesse ir mais atrás disso, eu teria que pesquisar. Mas é só o que você lembra.

JHH: É. Mas é isso aí – os laboratórios de eletro, sempre teve dois, de mecânica, tinha dois laboratórios, duas oficinas mecânica, tinha de química, aqui embaixo, depois mudou para lá, tinha laboratório de metalurgia, vários laboratórios, o TDPL [Técnica Dietética e Prática de Laboratório] que é o laboratório de nutrição e dietética e os CPDs. São os laboratórios básicos que nós tínhamos para tocar os cursos básicos que a gente tinha – mecânica, nutrição, metalurgia, eletro – na verdade, teve eletromecânica, depois que veio eletroeletrônica.

MAGB: Ô Zé, eu acho que nós demos conta do recado, né.

JHH: Ah, não sei. É você que sabe. Sempre tem mais coisinhas que a gente vai lembrando com o tempo.

MAGB: O duro é fazer a transcrição. O pior é isso, 30 minutos, 40 minutos eu demoro mais de vinte horas para fazer uma transcrição. Depois que eu fizer – não sei quando vou fazer isso, mas depois que fizer, se você lembrar, a gente faz um adendo. Mas, se você não tem mais nada para dizer, já falamos bastante, eu só tenho a agradecer. Você gostou da entrevista?

JHH: É lógico. A gente ao falar disso aí traz uma lembrança muito boa, algumas coisas não são tão boas que a gente lembra do que aconteceu, mas 90% das lembranças são boas. Eu que passei - muitas coisas começam a fugir viu, Marlene, eu estou sentindo que muitas coisas eu não consigo lembrar muito bem, assim com exatidão, mas, no geral, a gente lembra.

MAGB: Não. É a passagem do tempo e coisas novas acontecem e a gente não está congelado e a gente reelabora o passado, reelabora as lembranças. Mas assim o básico, tá feito, tá feito, entendeu? Falou coisas que eu não sabia da escola e a gente sempre acrescenta em algum lugar. Então ó, com meu muito obrigada. Você sempre ajudou as pesquisas, você sempre estimulou, aliás eu comecei a fazer as coisas da escola e já faz tempo. O primeiro trabalho que eu comecei foi para os 50 anos da escola. Daí, alguém falou assim, pai de aluna, né, porque no ano que vem, a gente precisa fazer uma festa na escola, comemoração do curso de Mecânica que não foi feita.

JHH: Não, vamos fazer sim.

MAGB: Então o pai de uma aluna falou assim: - Não, essa escola não começou em 1953, (foi aí que fui atrás), essa escola é mais antiga, o meu pai fez a Escola Profissional Dr. Trajano Camargo. Aí que vou saber que existiu essa escola profissional primária que a D. Maria Thereza tinha criado. Foi o meu primeiro trabalho e, para dizer bem a verdade, acho que foi o trabalho que mais gosto.

JHH: Excelente trabalho.

MAGB: Aquele foi incrível, aquele que estou mudando uma coisa ou outra que o Toco [José Eduardo Heflinger Jr] mudando uma coisa ou outra imprimiu naqueles livrinhos da revista Povo. Zé, com meu muito obrigada. A gente se vê amanhã e tirar uma foto já e manda para mim, em formato 3x4. Tá bom? Tchau.

JHH: Tá bom. Tchau Marlene. Beijo no coração.

MAGB: Tá bom. Tchau.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Etec Trajano Camargo
José Henrique Heydman Jr.
Marlene Aparecida Guiseline Benedetti
Horas atividades
DISAETE
Secretaria da Educação
Ensino Técnico Integral
Ginásio industrial
Técnico em Nutrição e Dietética
Ocupação do prédio escolar pelo COTIL
Laboratórios
Reforma
Salas ambiente

Dados Biográficos do Entrevistado



José Henrique Heydman Jr.

Fotografia: Marlene Benedetti, em 21/11/21

José Henrique Heydman Jr. nasceu em Limeira/SP em 1o. de setembro de 1955. Formação – Educação básica, de 1ª. a 4ª. série no Grupo Escolar Flamínio Ferreira de Camargo, de 1962 a 1965. O curso ginásial no Ginásio industrial Estadual Trajano Camargo, de 1967 a 1970. Em seguida, fez o curso de Máquinas e Motores no Colégio Técnico da Universidade de Campinas, de 1971 a 1973. Fez estágio na General Motors, em São José dos Campos. Na Universidade Metodista de Piracicaba cursou Engenharia de Produção Mecânica, de 1976 a 1981. Trabalhou na Citrosuco do Brasil, Máquinas Invicta, Cifal Indústria Metalúrgica. Fez o esquema 1 na Faculdade de Tecnologia de São Paulo e obteve o título de licenciado, em 1983. Cursou Pedagogia, em Ouro Fino, de 1995 a 1998 e o Latu Sensu em Ensino Aprendizagem nas Faculdades Claretianas, de 1999 a 2000. Lecionou na Trajano Camargo, na Organização Einstein de Ensino, na Escola Estadual Prof. Gabriel Pozzi e prof. Ely de Almeida Campos. Na Trajano Camargo começou a lecionar em 1975. Atuou como coordenador de curso, vice-diretor, orientador de estágio, diretor e assistente técnico administrativo. Participa do Conselho de escola e da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Ocupação atual: Assistente Técnico Administrativo – ATA.

Dados Biográficos da entrevistadora



Foto: Dugan Robbins, 2021

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional. E desde 2022, é voluntária no Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de José Henrique Heydman Jr

Termo de Autorização para uso de Imagem de José Henrique Heydman Jr.